

## **Abertura do 9º CSHS – Discurso de Mônica Torrenté Nunes**

*Emancipação e saúde: decolonialidade, reparação e (re)construção crítica*

Boa noite! Bem vindes, bem vindas e bem vindos ao 9º. Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco!

Neste lugar em que estou, não falo apenas em meu nome. Durante 9 meses, o tempo de uma gestação, realizamos dezenas de reuniões, pensamos e repensamos, em um desenho ainda imperfeito, mas com uma forte intenção de construção coletiva, plural e com densidade participativa, este congresso. É por essa razão que, com afeto e admiração, falo em nome dos meus companheiros e companheiras, do núcleo gestor da Comissão de Ciências Sociais, Suely Deslandes, Marta Verdi, Rui Harayama e Luís Leão, em nome das 17 pessoas que compuseram a Comissão Organizadora Nacional, dos e das, pelo menos, 108 coordenadores/as dos Coletivos Temáticos, dos 43 componentes da Comissão Científica e, através de Keila Brito, Ana Mello e Camila Pimentel, gostaria ainda de referir-em àquelas 61 pessoas que nos acolheram, tão fraternalmente, nesta linda cidade do Recife, compondo a Comissão Organizadora Local, pessoas que trabalharam incansavelmente. Quero me dirigir também à Secretaria executiva da Abrasco e de todes, todos e todas que têm feito esse Congresso acontecer. Agradecemos, vivamente, às instituições e agências, mencionadas nominalmente por Thiago Barreto, e aos técnicos e técnicas que nos deram as condições financeiras, materiais e logísticas para organizarmos um evento tão complexo.

O nosso agradecimento, muito profundo, a todas as pessoas, docentes, pesquisadore/as, militantes, estudantes, profissionais da saúde e áreas afins, chefes do Executivo, vindas de todo o Brasil, mas também da América Latina, de África, da Europa e dos Estados Unidos, que aceitaram o nosso convite para participar das mesas redondas, do café intergeracional, da merenda intersaberes, dos grandes debates, dos painéis, das oficinas, dos cursos, das reuniões, da tenda Paulo Freire, da conferência de abertura e das atividades artísticas e culturais. Esperamos, com a riqueza dessas discussões e desses encontros, avançar nas soluções para os nossos grandes desafios teóricos e, sobretudo, práticos. Por fim, mas não menos importante, o nosso alegre reconhecimento aos

participantes deste Congresso que se inscreveram, enviaram os seus trabalhos e renovam o nosso conhecimento sobre o que está acontecendo de estimulante e mais avançado na nossa área, de forma capilarizada nas cinco regiões do país.

Escolhemos o tema “Emancipação e Saúde: Decolonialidade, reparação e (re)construção crítica” por entendermos que esses termos se inscrevem na atmosfera de um Brasil em estado de profunda reflexão em torno de suas feridas históricas, especialmente o racismo, mais particularmente contra pretos e indígenas, a misoginia, a escandalosa desigualdade social e a persistente colonialidade. A isso se acrescentam chagas, como o capacitismo, a gordofobia, o etarismo, a estigmatização à loucura, a exploração desumana de trabalhadores e trabalhadoras, a expansão desmedida das violências no campo, na periferia, a destruição das nossas matas, rios, animais, o envenenamento dos nossos corpos e do nosso bem-viver. A ameaça é ecológica e ambiental, mas é existencial e afetiva. Não sairemos vivos, mas também não sairemos humanos, não sairemos bichos, não sairemos natureza. Não sairemos dessa, se a resposta social, institucional e política continuar rasa e enganadora, se optarmos por adotar uma saúde pública global acrítica e colonizadora, que produza diagnósticos alienados da situação de saúde dos povos, seguindo modelos medicalizados assépticos, desprovidos de compreensão das dinâmicas culturais locais, das relações de poder imersas no campo da saúde, dos imensos interesses mercadológicos e das questões sociais que reproduzem a determinação social do adoecimento. Não sairemos dessa, se continuarmos com políticas e práticas de saúde no SUS pautadas pela moralização e violentação dos corpos das pessoas LGBTQIA+ e das mulheres e com o encarceramento em instituições totais dos pobres, dos pretos, dos loucos e dos drogados.

Findado um longo e penoso período de pandemia da Covid-19, que nos marcou de tantas formas trágicas por perdas de pessoas no mundo inteiro e, no Brasil, de forma perversa, cínica e irresponsável, quando acreditávamos que, terminado tudo isso, sairíamos mais humanos pelo aprendizado através da imensa dor e da perplexidade de uma experiência existencial única, eis que nos deparamos com mais dor e indignação. O mundo não saiu menos violento, nem mais fraterno, nem, de jeito nenhum, mais respeitoso à vida. Estamos em tempos tenebrosos, de modo muito extensivo e intensivo, e o assombro da violência e da violação de direitos humanos nos atinge e nos deixa sem palavras. Terríveis situações exigem que nos impliquemos pela paz e pela defesa intansigente da vida, seja na periferia das nossas cidades, ou nas zonas rurais ou florestais, marcadas por diversos tipos de conflitos e pela constância das mortes, seja, de forma ainda mais bárbara, em

países onde, quer por ataques brutais, quer por resposta desproporcional sob a forma de crimes de guerra e genocídio, civis são atacados de modo infame, em um total desrespeito a regras humanitárias do direito internacional.

No entanto, quero afirmar que não foram só dores, preocupações e mazelas que pautaram a nossa escolha temática, ou que perpassam o nosso congresso. Escolhemos o tema “Emancipação e Saúde: Decolonialidade, reparação e (re)construção crítica” para anunciar a boa nova de um novo momento político de um governo popular no Brasil que, com todos os seus desafios e contradições, venceu o projeto fascista. Saravá! Queremos aqui, não afirmar os fatos históricos, mas seguir, continuamente, nos perguntando com o mantra “O Brasil voltou?”. Perguntar para não tomar, como fato incontestado e acrítico, o que deve sempre ser problematização, compreensão, proposição, formulação, construção e reconstrução crítica. Perguntar como um mantra “O Brasil voltou?” para não baixar a guarda e perder o trem da história, que tem nos ensinado que o caminho é das pedras, das incertezas, mas, sobretudo, da luta e da emancipação. Este congresso quer apontar para a esperança do fazer, das descobertas, da invenção, da vida, da grande beleza que se forjam a partir de movimentos, gestos, pensamentos, saberes, ciências e atos decoloniais e decolonizadores. Esse congresso quer indicar alguns caminhos para a necessária reparação por tantos males causados.

E esse caminho não se trilha sozinho. Se segui-lo de forma engajada está no cerne do projeto ético-político das ciências sociais e humanas em saúde e da Abrasco, para encontrá-lo, junto com as necessárias respostas e estratégias que se movam no sentido de uma transformação social e da promoção da saúde e da vida, isto só se faz na escuta e de mãos dadas com os movimentos sociais. Para isso, formemos uma rede de aliados, aliadas e aliades, que reuñam os nossos mais velhos dos Quilombos ou das Florestas, os nossos mestres e mestras do saber, os nossos pesquisadores e pesquisadoras de todas as partes do mundo, os nossos jovens inquietos, quicá os espíritos dos nossos encantados. Tudo isso com a certeza de que: “yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar”.

Este é o espírito deste congresso! Vamos incorporá-lo com força e com vontade! Obrigada!